



Léon Denis

Catecismo Espírita

Tradução Miguel R. Galvão

4ª Edição - Rio Janeiro

(Brasil) 1958





Tende por templo - o Universo,

Por altar - a Consciência;

Por imagem - Deus;

Por lei - a Caridade.



Notas

Grande confusão existiu com relação a obra chamada Catecismo Espírita, que se atribuiu a Denis. Porque na introdução de Síntese Doutrinária e Prática de Espiritismo, o autor usa a palavra “catecismo” algumas vezes.

Ambas foram escritas sob a forma de diálogo. Entretanto, num artigo do Reformador, o prof. José Jorge esclarece que Catecismo Espírita baseia-se em O Livro dos Espíritos e apresenta mais uma centena de perguntas e respostas relativas à Doutrina Espírita.

No mesmo artigo, ele cita uma notícia da coluna Bibliografia, da mesma revista, datada de julho de 1896, em que o articulista se refere a uma obra lançada em Buenos Aires, intitulada Catecismo Espírita, Filosófico y Moral de autoria de José Casanovas Moure. A estrutura de ambos os “catecismos” parece ser a mesma

Sumário

- I - Deus - Explicações gerais sobre a Essência Divina e seus atributos / **06**
- II - Moral espírita - Sua definição e aplicação, como guia e modelo para o homem / **11**
- III - A alma - Sua natureza, e seus atributos / **34**
- IV- Os Espíritos - Sua definição e sua vida de relações e ocupações no Espaço / **37**
- V - Reencarnação - Sua razão de ser e suas relatividades doutrinárias / **48**
- VI - Astronomia - Explicações gerais sobre o assunto, condizentes com a finalidade do homem e da matéria, nas vidas interplanetárias / **51**
- VII - Apêndice - Considerando a prece (Diálogo) / **54**



I

Deus

Quem é Deus?

E a inteligência suprema do Universo e a causa primária de todas as coisas.

Onde. Pode-se encontrar a prova da existência de Deus?

No axioma que se aplica às ciências "Não há efeito sem causa". Buscando a causa de tudo o que não é obra do homem, chegar-se-á até Deus.

Quais são os atributos de Deus?

Deus é eterno, imutável, único, todo poderoso, soberanamente justo e bom.

- Porque é eterno?

E eterno, porque, se houvesse tido principio, teria saído do nada, o que é absurdo, pois o nada é a irrealidade, é o vácuo, é a negação.

- Pode tirar-se alguma coisa de onde nada existe?

Pode o vácuo, a negação e irrealidade produzir, afirmar e realizar?

- Porque é imutável?

Porque, se estivesse sujeito ações, as leis que regem o Universo não estabilidade alguma.

- Porque é único?

Se existissem muitos deuses, não haveria harmonia de vistas nem estabilidade na direção do Universo.

- Porque é todo poderoso?

Porque, sendo único, é o autor de tudo quanto existe.

- Porque é soberanamente justo e bom?

Por causa da sua infinita perfeição e sabedoria.

- Terá Deus a forma humana?

Se assim fosse, estaria limitado e, por conseguinte, circunscrito, deixando, portanto, de ser infinito e de estar em toda a parte.

- Deus é imaterial?

Sem dúvida; se fosse matéria, deixaria de ser imutável, pois estaria sujeito às transformações desta. Deus é espírito e sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria.

- Deus governa o Universo?

Sim, por força de sua vontade, do mesmo modo que dirigimos o nosso corpo.

- Deus cria sem cessar?

Sim, de toda a eternidade. A razão se nega a concebê-lo na inação. Se assim não fosse, ele não seria imutável, pois se teria manifestado de modos diversos, primeiro em inação e depois em atividade.

- Podemos chegar a conhecer Deus?

Compreendê-lo-emos melhor, quando o nosso progresso nos tornar merecedores de habitar um mundo melhor, porém haverá sempre um infinito entre Deus e suas criaturas; entre a parte e o Todo; entre o relativo e o Absoluto.

- Temos o dever de amar a Deus?

Sim, com toda a nossa alma, pois ele é nosso Pai e criou-nos para a felicidade.

- De que modo se adora a Deus?

Elevando-lhe o nosso pensamento por meio da prece; tendo confiança em sua bondade e justiça; amando e respeitando os nossos genitores; amando o próximo, isto é, socorrendo-o em suas necessidades, perdoadando-lhe as ofensas e fazendo-lhe todo o bem que for possível; cumprindo, enfim, todos os deveres que nos impõe a moral cristã.

- Quando é útil a prece?

Quando é sincera ou quando parte do coração. Ela se torna ineficaz quando é pronunciada somente pelos lábios.

- Por quem devemos orar?

Por nós mesmos, por nossos pais, parentes e amigos, pelos que sofrem e, enfim, por nossos inimigos.

- Qual o fim da prece?

Por meio da prece pedimos a Deus a força e o valor necessários para nos melhorarmos, para suportarmos com paciência e resignação as provas e as tribulações da vida.

- Chegarão os homens algum dia a conquistar a felicidade?

Sem dúvida, pois Deus não nos criou para permanecermos eternamente no mal e, por conseguinte, no sofrimento; se assim não fosse, Deus seria inferior ao homem.

- Visto isso, perdoa Deus o mal?

Conforme se compreenda o perdão. Se entende por isso os meios que ele nos oferece para repararmos as nossas faltas, sim, pois não devemos esperar de Deus a graça para algum, mas sim a justiça para todos.

- De que modo se reparam ou faltas cometidas?

Praticando o bem. Não há outro meio.

- Atende Deus a quem ora com fé e fervor?

Sim, mas a prece em nada altera o cumprimento das leis do Criador; serve somente para nos fortalecer em nossos sofrimentos.

- E conveniente orar muito?

O essencial não é orar muito, mas orar bem.

- Que devemos julgar das orações pagas?

Jesus disse: "Não recebais paga das vossas preces; não façais como os escribas que, a pretexto de grandes orações, devoram as casas das viúvas".

- Onde se deve orar?

Jesus também disse: "Quando orardes, não façais como os hipócritas, que oram nas sinagogas e nas esquinas das ruas para serem vistos pelos homens; porém, quando orardes, entrai no vosso aposento e, fechada a porta, orai a vosso Pai em segredo, pois ele vê todos os segredos e vos recompensará; quando orardes, não faleis muito, como os gentios, pois eles pensam que por falar muito serão ouvidos".

- A prece não necessita, portanto, de manifestações externas?

Não, pois a verdadeira oração reside no coração.

- Há algumas fórmulas de oração mais convenientes que outras?

Não. Isso seria o mesmo que perguntar se convém orar neste ou naquele idioma..

- A oração torna o homem melhor?

Sim, porque aquele que ora com fervor e confiança fica mais forte contra as tentações do mal. Além disso, a oração é sempre proveitosa quando feita com sinceridade.

- Poderemos suplicar a Deus que nos perdoe as faltas?

A prece não elimina as faltas. A melhor prece são as boas ações, pois os atos valem mais do que as palavras.

- E útil orar pelos finados, e, em tal caso, serão eles aliviados pelas nossas preces?

A prece não modifica os desígnios da Providência; entretanto, alivia e consola os Espíritos em cuja intenção é feita.



II

Moral espírita

- Que definição se pode dar da moral?

A moral é a regra que nos ensina a bem viver e a distinguir o bem do mal.

- Qual é o tipo mais perfeito que pode servir ao homem como guia e modelo?

O tipo da perfeição moral, a que pode aspirar a Humanidade, é Jesus, pois é o ser mais puro que tem baixado a Terra.

- Como podemos distinguir o bem do mal?

O bem é tudo o que está conforme com a lei de Deus, e o mal é exatamente o contrário.

- O homem tem por si mesmo os meios de distinguir o bem do mal? Sujeito, como está, ao erro, não poderá ele equivocar-se e julgar fazer o bem quando na realidade faz o mal?

Nunca poderá enganar-se se tiver sempre presente este ensino de Jesus: "Não façais aos outros o que não quiserdes que se vos faça, e fazei-lhes tudo quanto quiseríeis que se vos fizesse".

- Quais são os maiores inimigos homem?

O homem, pelo seu orgulho, vaidade, egoísmo, inveja e ignorância, é o verdugo de si mesmo.

- Quando somos mais culpados de uma falta?

Quando sabemos melhor o que fazemos. O mal, do mesmo modo que o bem, obra de tal forma que nem sempre se pode apreciar a extensão dos seus efeitos. Não é possível beneficiar ou prejudicar alguém, sem que geralmente se beneficie ou prejudique a várias outras pessoas ao mesmo tempo.

- Necessita Deus ocupar-se de cada um dos nossos atos para nos recompensar ou castigar?

Não; Deus tem leis imutáveis que regulam todas as nossas ações de uma só vez.

- Aquele que não faz o mal, mas que co-participa dele pelo pensamento, é também culpado?

E' como se o houvesse feito e por isso participa das suas conseqüências.

- O desejo do mal é tão repreensível como o próprio mal?

Conforme: há virtude em resistir voluntariamente ao mal, cujo desejo se sente e, sobretudo quando há possibilidade de realizá-lo. E, pois, condenado o desejo do mal quando se deixar de executá-lo por falta de ocasião unicamente.

- E bastante deixarmos de fazer o mal para assegurarmos a nossa felicidade futura?

Para conseguir a felicidade futura é necessário fazer-se todo o bem que for possível, pois o homem é responsável "não só pelo mal que houver feito, mas igualmente pelo bem que, podendo fazer, não o fez"!

- Haverá pessoas cuja posição as impossibilite de fazer o bem?

Todos podem fazer o bem e somente ao egoísta falta ocasião para isso. Fazer o bem não consiste só em dar dinheiro, mas também em ser útil de qualquer modo.

- Haverá diferentes graus no mérito do bem?

O mérito está no sacrifício, e deixa de existir quando o bem nada custa ou é feito sem trabalho. Tem mais mérito o pobre que dá metade do seu pão, do que o rico que dá o supérfluo. Jesus o demonstrou quando se referiu à esmola da viúva.

- Toda a lei divina está contida na máxima do amor ao próximo, ensinada por Jesus?

Sim, ela encerra todos os deveres dos homens entre si.

- O trabalho é uma lei de Deus?

Indubitavelmente, pois é uma necessidade.

- Devemos considerar como trabalho somente as ocupações materiais?

Toda ocupação útil é trabalho. O Espírito também trabalha.

- Para que foi imposto ao homem o trabalho?

O trabalho e o meio de aperfeiçoar a inteligência é assim o homem assegura seu bem estar felicidade e progresso. Se não fosse o trabalho ele nunca sairia de sua infância espiritual

- Nos mundos mais adiantados o homem está submetido à mesma necessidade do trabalho?

Nada permanece inativo e a ociosidade seria um suplício em um benefício.

- Quem possui fortuna suficiente para assegurar na Terra a sua existência esta livre do trabalho?

Do trabalho material, sim, mas não da obrigação de se fazer útil segundo os seus recursos, ou de aperfeiçoar sua inteligência e a dos outros. Tudo isso oferece trabalho e tanto maior é esse dever quanto mais recursos e tempo se tiver.

- Que devemos pensar dos que abusam sua autoridade para impor aos seus inferiores um trabalho excessivo?

Isso é uma ação má, porque a lei de Deus.

- O homem tem direito ao descanso na sua velhice?

Sim, pois cada um está obrigado somente até onde chegam as suas forças.

- Que recurso tem o ancião que precisa trabalhar para viver e não pode fazê-lo?

O forte deve então trabalhar para o que estiver fraco, e, na falta de família, a sociedade deve socorrê-lo. Esta é a lei da caridade.

- O matrimônio, isto é, a união permanente de dois seres é contrária à lei natural?

O matrimônio representa um progresso da sociedade.

- Qual é mais conforme com a lei natural, a monogamia, ou a poligamia?

A monogamia, porque o matrimônio deve ser fundado no afeto dos seres que se unem. Na poligamia não há afeto real, mas sensualidade, e por isso ela tende a desaparecer pouco a pouco da Terra.

- O celibato voluntário é meritório?

Não, os que vivem assim, por egoísmo, enganam a todo o mundo.

- A vida de mortificações ascéticas tem algum mérito?

Não, pois não aproveita a ninguém; se aproveitar a quem a pratica e se impedir de fazer o bem a outrem, ela é ainda uma das formas do egoísmo.

- Quando a reclusão e as privações penosas têm por objetivo uma expiação, há nelas algum mérito?

A melhor expiação é resgatar o mal com todo o bem que se puder fazer.

- Há privações voluntárias que sejam meritórias?

Sim, as dos gozos materiais, porque nos desprendem da matéria e elevam nossa alma.

- Que devemos pensar da mutilação do corpo do homem e dos animais?

Tudo quanto for inútil não terá mérito. Para dominar a matéria terrestre, basta praticar a lei divina somente, que é a caridade.

- E fundada na razão a abstenção de certos alimentos, prescrita em diversos povos?

Não, porque tudo o que puder alimentar o homem e "não for em prejuízo da sua saúde", está permitido por Deus.

- E' meritória a abstenção do alimento animal, ou de qualquer outra espécie, quando o fazemos por expiação?

Sim, quando nos privamos deles em benefício de outrem.

- Com que fim deu Deus instintos de conservação a todos os seres?

Foi com o fim de poderem eles concorrer para as suas vistas providenciais, pois a vida é necessária ao aperfeiçoamento de todos.

- Tem todos os homens igualmente o direito de usar os bens da Terra?

Sem dúvida, pois esse direito é conseqüência da necessidade de viver. Deus não pode impor um dever sem dar primeiramente os meios para cumpri-lo.

- Que devemos pensar do homem que abusa nos excessos de toda classe um requinte aos seus gozos?

Quem assim faz se torna inferior ao bruto, pois não sabe restringir-se à satisfação das suas necessidades reais. Quanto maiores forem os seus excessos, tanto mais império permite que a natureza animal tenha sobre a espiritual.

- Que se deve pensar de quem amontoa bens materiais para conseguir o supérfluo, em prejuízo dos que carecem do necessário?

Esse egoísta desconhece a lei de Deus, e terá de responder pelas privações que fez sofrer.

- E' censurável o desejo que o homem tem de conseguir o seu bem-estar?

Não, pois é um desejo natural; o abuso é que constitui o mal.

- Se a morte deve conduzir-nos a melhor vida, qual a razão por que o homem lhe tem um horror instintivo?

Deus pôs no homem o instinto de conservação, para que o sustivesse nas provas, e sem isso ele descuidaria da vida. O instinto de conservação faz que o homem prolongue a vida. Até cumprir a sua missão.

- Que se deve pensar da destruição que excede os limites da necessidade, tal a que se faz pela caça e outros meios, cujo único fim é destruir sem utilidade?

Toda destruição que excede os limites da necessidade é uma violação da lei divina. Torna-se ainda mais condenável à destruição que é feita com crueldade.

- Qual o fim das grandes calamidades?

E' para que a Humanidade se adiante com mais rapidez, pois, resultando dessas calamidades a regeneração moral dos seres, eles adquirem em cada nova existência um grau mais elevado de progresso.

- Mas, será justo que, nessas calamidades, sucumba o homem bom ao mesmo tempo em que o mau, e sem distinção alguma?

Tanto faz morrer por uma calamidade como por outra causa comum, desde que a hora é chegada. A única diferença que há, neste caso, é a de morrer maior número de pessoas; mas, poderíeis acaso saber se o que é hoje um homem de bem não teria sido o culpado de ontem.

- Qual a causa que induz o homem à guerra?

E' o predomínio das paixões ou da natureza animal sobre a espiritual. Só entre os povos bárbaros é que não se conhece outro direito que não seja o do mais forte.

- A guerra desaparecerá algum dia da face do mundo?

Sim, quando os homens compreenderem o que é justiça e praticarem a lei de Deus. Então todos os povos se considerarão irmãos.

- Que se deve pensar dos que suscitam a guerra em seu próprio benefício?

Esses são verdadeiros culpados e, como tais terão de suportar "muitas existências" para expiar os crimes que mandaram cometer para satisfazer unicamente a sua ambição.

- E' culpado o homem que pratica assassinatos na guerra?

Não, se ele for coagido a isso; mas torna-se culpado desde que pratique crueldades em satisfação dos seus desejos.

- O assassinio é crime?

Sim, e muito grande, pois quem tira a vida a outrem corta uma existência de expiação ou de missão, e é nisto que consiste o mal.

- Pode considerar-se o duelo como sendo manifestação de legítima defesa?

Não; o duelo é um crime e um costume digno somente de povos bárbaros.

- Como se deve considerar o que em duelo chamam ponto de honra?

Orgulho e vaidade; dois grandes males da Humanidade.

- Não haverá, porém, casos em que, por achar-se a honra realmente ofendida, pode ser considerado como covardia o não se aceitar o duelo?

Isso depende dos usos e costumes, pois cada país e cada século têm um modo diverso de encarar as coisas. Quando os homens forem melhores e estiverem mais adiantados em moral, compreenderão então que o verdadeiro ponto de honra está acima das paixões terrenas e que as coisas não se alteram pelo simples fato de fazer-se uma morte. Em perdoar uma ofensa há muito mais valor do que em castigá-la. Há muito mais grandeza e verdadeira honra naquele que se confessa culpado, como há, também, maior dignidade e nobreza naquele que, tendo razão, sabe perdoar, ou, mesmo, sabe prescindir dos insultos que não o podem alcançar.

- A pena de morte desaparecerá algum dia da legislação humana?

Sem dúvida, e em sua supressão assinalará a Humanidade um grande progresso.

- Que se deve pensar da pena de morte imposta em nome de Deus?

Os que assim obram estão muito longe de compreender a Deus e cometem um crime monstruoso.

- A vida social é uma lei natural?

Sem dúvida, pois todos os homens devem concorrer para o progresso, ajudando-se mutuamente.

- O progresso moral segue o intelectual?

E a sua conseqüência, porém nem sempre o segue imediatamente.

- Como é que o progresso intelectual pode conduzir ao moral?

Desde que o homem compreenda o bem e o mal, pode então escolher. O desenvolvimento do livre arbítrio segue o da inteligência e aumenta a responsabilidade das nossas ações.

- Pode o homem deter a marcha do progresso?

Não, mas pode estorvá-la às vezes.

- Não parece, às vezes, que o homem retrocede em vez de adiantar, pelo menos sob o ponto de vista moral?

O homem progride, pois cada dia ele compreende melhor o mal e a todo instante reforma as suas leis. E essa compreensão que lhe mostra a necessidade do bem e das reformas.

- Todos os homens são iguais perante Deus?

Sim, pois todos têm um mesmo princípio e um mesmo destino. As leis divinas são iguais para todos.

- Porque Deus não deu as mesmas aptidões a todos os homens?

Deus deu iguais aptidões a todos os Espíritos, porém cada uma deles tem vivido mais ou menos tempo. A diferença provém, pois, do grau de experiência e da vontade resultante do livre arbítrio de cada um. Por isso, os mais adiantados têm maiores aptidões do que os outros.

- Será possível estabelecer a igualdade absoluta das riquezas?

Não; a diversidade das faculdades e dos caracteres opõe-se a isso.

- Que se deve pensar daqueles que crêm ser esse o remédio aos males da sociedade?

Esses não compreendem que muito breve tal igualdade seria destruída pela força das circunstâncias. Combata-se o egoísmo social e não se busquem quimeras.

- O homem e a mulher são iguais perante Deus e têm os mesmos direitos?

Sem dúvida, pois Deus deu a ambos inteligência para distinguir o bem do mal e a faculdade de progredir.

- Qual a razão da inferioridade moral da mulher em certos povos?

O império injusto e cruel que o homem exerce sobre ela, e que resulta das instituições sociais ou do abuso dos fortes sobre os fracos.

- Com que fim, a mulher, em geral, é mais débil fisicamente que o homem?

E' para que ela possa exercer outra espécie de trabalhos. Ao homem em geral competem os trabalhos rudes e intelectuais, à mulher os trabalhos leves e delicados.

- A debilidade física da mulher não a coloca, naturalmente, sob a dependência do homem?

Sim, mas se a Natureza dotou o homem com mais força é para que ele proteja a mulher como mais fraca, e não para que a escravize.

- As funções a que está destinada a mulher, para com seus filhos, têm tanta importância como as que estão reservadas ao homem?

São muito mais importantes, pois a mulher é quem dá aos filhos as primeiras noções da vida.

- Uma legislação, para ser justa, deve consagrar igualdade de direitos à mulher e ao homem?

De direitos, sim; de funções, não. E preciso que cada qual tenha as ocupações que lhe são próprias e segundo as suas aptidões. A emancipação da mulher assinala o progresso social; a sua escravidão denuncia atraso.

- Onde nasce o desejo de perpetuar com monumentos fúnebres a memória dos seres que abandonaram a Terra?

Último ato de orgulho.

- Mas, a suntuosidade dos monumentos fúnebres não se deve atribuir mais freqüentemente aos parentes do finado, antes que ao próprio finado?

Nesse caso é o orgulho dos parentes que se querem glorificar a si mesmos. Oh! Nem sempre se fazem tais demonstrações por consideração ao morto; elas também se dão por amor-próprio e por alarde das riquezas das pessoas que ficam. Poderão esses belos monumentos salvar do olvido aqueles que foram inúteis na Terra.

- Deve-se, então, reprovar de um modo absoluto a pompa dos funerais?

Não, pois isso se torna justo e exemplar, quando feito em memória de um homem de bem.

- Tem o homem direito de coagir a liberdade de consciência?

Jamais; como também não tem o direito de estorvar as manifestações do pensamento.

- Toda e qualquer crença, embora reconhecidamente falsa, é respeitável?

Sim, quando é sincera e conduz à prática do bem. As crenças censuráveis são as que conduzem ao mal.

- Somos repreensíveis por escandalizar as crenças daqueles que não pensam como nós?

Sem dúvida, pois se falta à caridade e atenta-se contra a liberdade de pensar.

- Deve-se, pelo respeito à liberdade de consciência, deixar que se propaguem doutrinas perniciosas, ou, então, sem atentar-se contra essa liberdade, pode-se procurar atrair ao caminho da virtude aqueles que dele se acham desviados por falsos princípios?

Certamente que se pode e se deve, porém isso deve ser somente de acordo com o exemplo de Jesus, isto é, por meio da doçura e da persuasão, e nunca pela força, pois este último meio seria pior que a crença daquele a quem se procura convencer. Se é permitido impor alguma coisa, é o bem e a fraternidade, mas isto deve ser feito pela convicção e nunca pela violência.

- Visto todas as doutrinas terem a pretensão de ser a única expressão da verdade, em que se pode distinguir a que tem o direito de se apresentar como tal?

A melhor doutrina é a que faz mais homens de bem e menos hipócritas, isto é, a que pratica a lei do amor e da caridade em sua maior extensão e em sua mais elevada aplicação. Toda doutrina que produzir, em suas conseqüências, a desunião ou estabelecer uma demarcação entre os homens, não pode deixar de ser falsa e perniciosa.

- Qual é a base da justiça fundada na lei natural?

Cristo o disse: “Desejai para os outros o que desejardes para vos mesmos”.

- A necessidade que o homem tem de viver em sociedade impõem obrigações particulares?

Sem dúvida. A primeira de todas é respeitar os direitos de seus semelhantes. Quem respeitar esses direitos será sempre justo.

- Qual é o primeiro de todos os direitos naturais do homem?

O direito da vida.

- E natural o direito de possuir bens de fortuna?

Sim; porém, quando isso é exclusivamente para si, ou para sua única satisfação pessoal, torna-se então egoísmo.

- Qual é o caráter da propriedade legítima?

Somente é legítima a propriedade que se adquire por meio do trabalho e sem prejuízo de outrem.

- Como se deve considerar a esmola?

O homem de bem, que compreender o que é caridade, vai ao encontro da desgraça sem esperar que lhe estendam a mão ou sem olvidar o que disse Jesus: "Que a mão esquerda ignore o que dá a direita", pois deste modo ensinará a não desvirtuar a caridade com o orgulho.

- Qual é a verdadeira acepção da palavra caridade, tal como a entendia Jesus?

Benevolência para com todos, indulgência com as imperfeições dos outros, perdão das ofensas, eis a caridade como a compreendia Jesus. O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, pois amar o próximo é fazer-lhe todo o bem possível: "Amai-vos uns aos outros como irmãos".

- Qual é a mais meritória de todas as virtudes?

Todas têm o seu mérito, porém a melhor é a que estiver fundada na caridade mais desinteressada, tal como o sacrifício voluntário do interesse pessoal ao bem do próximo.

- A parte certos defeitos e vícios, qual é o sinal mais característico da imperfeição?

O interesse pessoal e o apego às coisas materiais, tal é o sinal notório da inferioridade no homem.

- Quem faz o bem desinteressadamente, só pelo prazer de ser agradável a Deus e ao próximo, encontra-se já em certo grau de adiantamento?

Sim, muito mais do que aquele que faz o bem com reflexão e não por impulso natural do coração.

- Há culpabilidade em estudar os defeitos alheios?

Se isso se faz para criticá-los ou divulgá-los, há muita culpabilidade; mas, se esse estudo é feito para evitar cair nos mesmos defeitos, ele pode ser útil às vezes. E' preciso, porém, não olvidar que a indulgência com os defeitos dos outros é uma parte importante da caridade.

- O homem, pode, pelos seus esforços, Vencer sempre as suas más inclinações?

Sem dúvida, e às vezes com pequenos esforços; mas o que lhe falta é vontade.

- Entre os defeitos e as imperfeições da alma qual é a que pode ser considerada como principal?

E do egoísmo que provêm todos os males. Estudando-se as imperfeições em geral, vemos que no fundo de todas elas reside o egoísmo; ele é incompatível com a justiça, com o amor e a caridade.

- Qual é o meio egoísmo?

O egoísmo diminuirá com o predomino da vida moral sobre a material, e mais se desvanecerá com o conhecimento que o Espiritismo nos dá do nosso estado futuro, real e não desnaturado por ficções alegóricas. Desde que seja bem compreendido e se identifique com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos e as relações sociais, pois faz vê-las de tão alto que, até certo ponto, o sentimento da personalidade desaparece ante a grandeza do conjunto.

- Quais são os verdadeiros distintivos do homem de bem?

O verdadeiro homem de bem é o que pratica a lei de justiça, de amor e de caridade em sua maior pureza. O verdadeiro homem de bem é aquele que, interrogando sua consciência, encontra-a desobrigada das más ações, tais como a de ter violado a lei de Deus, ter procedido mal, ter deixado de fazer todo o bem que pôde, ter deixado a alguém motivo de se queixar dele, e, enfim, ter deixado de fazer a outrem tudo o que queria que lhe fizessem.

- Pode o homem gozar na Terra a perfeita felicidade?

Não, mas dependem do homem o dulcificar os seus males e ser tão feliz quanto possível, num mundo de expiação como a Terra. O mais das vezes o homem é o causador da sua própria desgraça, mas, praticando o bem, evitam-se muitos males e proporciona-se a maior ventura que é possível nesta grosseira existência. Se quiseres ser feliz, sê bom: eis a regra geral para todos. Se sofrermos, apesar de cumprirmos com os nossos deveres, devemos-nos resignar, confiar e esperar, pois Deus premiará nossas virtudes e compensará nossos sofrimentos.

- Existe uma medida comum de felicidade para todos os homens?

Sem dúvida; na vida material é a posse do necessário; na vida moral é a consciência limpa e a fé no futuro.

- Porque, na sociedade, as classes que sofrem são mais numerosas que as felizes?

Ninguém é completamente feliz: o que se chama felicidade encobre quase sempre grandes pesares, pois o sofrimento é condição da Terra, visto ela ser um lugar de expiação de Espíritos atrasados.

- Onde provém, em medo da morte?

Não há motivo para ter medo da morte; entretanto, isso é também uma consequência do temor do inferno que lhes incutiram desde a infância. Essas pessoas, quando chegam à adolescência,

não podem admitir tal inferno, tornam-se ateias ou materialistas, e assim julgam que fora da vida presente nada existe. Aquele que for justo, a morte não inspira medo algum, pois a sua fé o leva a ter certeza no futuro, e a caridade que praticou lhe assegura que no mundo onde vai entrar não encontrará nenhum ser cuja presença deva temer.

- Que devemos pensar do homem carnal?

O homem carnal, mais apegado à vida corporal que à vida espiritual, só encontra na Terra penas e gozos materiais; sua ambição consiste na satisfação fugaz de todos os desejos. Sua alma, constantemente preocupada e afetada pelas vicissitudes da vida, está numa ansiedade e num tormento perpétuo. A morte o horroriza, porque dúvida do seu futuro e deixa na Terra todos os gozos e esperanças.

- Donde provém o desgosto da vida que se apodera de certos indivíduos, sem motivos plausíveis?

Da falta de fé no futuro, e, muitas vezes também, é uma conseqüência da ociosidade.

- Que é o materialismo?

A doutrina materialista é a sanção do egoísmo, fonte de todos os vícios; é a negação da caridade, manancial de todas as virtudes; é a justificação do suicídio e é incompatível com a moral, base da ordem social.

- Tem o homem direito a dispor de vida?

Não; o suicídio é uma transgressão da lei de Deus. O suicídio é a maior "crueldade" que o homem pode cometer consigo mesmo. O suicídio nasce do erro, alimenta-se na covardia e conduz ao tormento próprio. O suicídio converte as angústias da morte em suplício e não as extingue.

COVARDIA, EGOÍSMO, IGNORÂNCIA, CEPTICISMO E ORGULHO, EIS AS CAUSAS DO SUICÍDIO; A TORTURA DE SI

PRÓPRIO, O DESPREZO E O OLVIDO ALHEIOS SÃO A SUA CONSEQÜÊNCIA.

- O suicídio, cujo fim seja evitar o aparecimento de uma ação más, torna-se tão condenável como o causado pelo desespero?

O suicídio não esconde as culpas de ninguém e, pelo contrário, neste caso há duas faltas em vez de uma. Quem tiver tido coragem para fazer o mal, é preciso também tê-la para sofrer-lhe as conseqüências.

- Que devemos pensar daquele que se suicida para alcançar mais depressa outra vida melhor?

Só pela prática do bem é que poderá alcançar outra vida melhor.

- Não é meritório o sacrifício da vida, quando o fim. É salvar a outrem, ou ser útil aos nossos semelhantes?

Isso é sublime conforme for à intenção. O sacrifício da vida não é suicídio quando há desinteresse e não está manchado pelo egoísmo.

- Qual o sentimento que, no momento da morte, predomina no maior número dos homens? A dúvida, o temor ou a esperança?

A dúvida, nos cépticos endurecidos; o temor, nos culpados; a esperança, nos homens de bem.

- As penas e os gozos da alma, depois da morte, têm alguma coisa de material?

Não podem ser materiais, porque a alma não é matéria. Essas penas e gozos não são materiais, e, entretanto "são mil vezes mais sensíveis" do que as que se podiam experimentar na Terra, pois, no estado espiritual, a alma é muito mais impressionável, visto não estar com as suas sensações embotadas pela matéria.

- Que se deve pensar do homem que, sem fazer o mal, também não emprega esforços para sacudir o jugo da matéria?

Permanece estacionário, e longo o sofrimento da expiação.

- O homem perverso, que não reconheceu as suas faltas durante a vida terrestre, reconhece-as sempre depois da morte?

Indubitavelmente, e então sente todo o mal que fez ou de que se tornou causa voluntária.

- O arrependimento sincero, durante a vida, basta para apagar nossas faltas e para que Deus nos perdoe?

O arrependimento sincero favorece o melhoramento do Espírito, mas é preciso expiar as faltas cometidas.

- As faltas podem ser redimidas?

Sim, pela reparação; mas não se redimem com algumas privações pueris, nem com donativos para depois da morte e quando já não se necessita mais deles. A perda de um dedo no trabalho resgata mais faltas do que o cilício de anos inteiros, sem outro fim que o da própria conveniência, visto não beneficiar a ninguém. Só com o bem é que se repara o mal.

- Não se tem mérito em assegurar para depois da morte um emprego útil aos bens que se possuem?

Algum mérito há, porém, aquele que somente faz benefícios para depois da morte é mais egoísta que generoso. Quem fizer sacrifícios durante a vida tem mérito muito maior.

- Aquele que no ato da morte reconhece as suas faltas e não tem tempo para repará-las, basta o arrependimento?

O arrependimento apressa a reabilitação, porém, não absolve. O homem tem diante de si um futuro eterno para reparar suas faltas.

- A duração dos sofrimentos será arbitrária ou está sujeita a alguma lei?

Deus nunca obra por capricho; tudo no Universo está submetido a leis em que se revela a justiça, a bondade e a sabedoria divinas.

- O inferno e o paraíso existem tais como o homem os representa?

Não existe uma determinação absoluta dos lugares de castigo e de recompensa, a não ser na imaginação de certos homens. As almas estão disseminadas por todo o Universo.

- Em que sentido se deve entender a palavra céu?

Deve considerar-se como céu o espaço universal, os planetas, as estrelas e todos os mundos superiores, onde as almas elevadas desfrutam a felicidade, sem sentirem as tribulações da vida material ou as angústias inerentes à inferioridade. A Terra é um dos mundos de expiação, e os Espíritos ou almas que a habitam precisam lutar contra a perversidade de si mesmos e contra a inclemência da Natureza, trabalho esse muito penoso, mas que serve ao mesmo tempo para desenvolver as qualidades do coração e as faculdades da inteligência. Por esse modo, Deus faz "que o castigo reverta em benefício do progresso do próprio Espírito".

- Que se deve entender por purgatório?

E' a expiação. A Terra é, para muitos, um verdadeiro purgatório, onde Deus os faz expiar as suas faltas.

- Que se deve entender por alma penada?

Todo Espírito errante que sofre, incerto do seu futuro, é uma alma penada.

- A bênção ou a maldição pode atrair o bem ou o mal sobre quem elas são proferidas?

A Providência jamais deixou de ser justiceira; a bênção somente pode alcançar aquele que se tornou digno dela; a maldição também não produz efeito senão sobre aquele que se tornou malvado.

- Porque Jesus expulsou do templo os mercadores?

Jesus expulsou-os porque condenava o tráfico das coisas santas, "sob qualquer forma que fosse". Deus não vende a sua bênção, nem o seu perdão, nem a entrada "no reino dos céus", e, portanto, o

homem não tem direito a receber paga disso ou mesmo das orações que faz.

- No estado espiritual, que conseqüências produz o arrependimento?

O desejo de uma nova encarnação para reparar as faltas.

- Que se deve pensar do dogma: "Fora da Igreja não há salvação?"

Esse dogma é exclusivista e absurdo; em vez de unir os homens, divide-os; em vez de excitar o amor entre irmãos, mantém e sanciona a irritação entre os sectários dos diferentes cultos, os quais se passam a considerar como malditos na eternidade, embora sejam parentes ou amigos neste mundo. A máxima: "Sem caridade não há salvação", é a consagração da igualdade ante Deus, e da liberdade da consciência.

- Pode considerar-se a paternidade como missão?

Sem dúvida que é uma missão e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande que se toma "para o futuro", pois os filhos são colocados sob a tutela dos pais para que estes os guiem no caminho do bem.

- Que se deve entender pelas palavras de Jesus: "honra teu pai e tua mãe"?

Esse mandamento é uma conseqüência da lei de caridade e de amor ao próximo, pois não se pode amar a este sem amar os pais.

O amor obriga-nos ao respeito, á submissão e às considerações que devemos ter para com os nossos pais. Honrar seu pai e sua mãe não é só respeitá-los; também implica o dever de assisti-los em suas necessidades, proporcionar o descanso na velhice, rodeando-os de solicitude, assim como eles nos fizeram em nossa infância. Esse dever também se estende para com aquelas pessoas que fizeram às vezes dos pais, e que por isso mesmo têm mais mérito, visto a sua abnegação não ser tão obrigatória como a destes. Toda violação a

este mandamento constitui grande falta, que se expiará com grandes sofrimentos.

- Porque é que os homens mais inteligentes são às vezes os mais radicalmente viciosos?

O Espírito pode ter adiantado num sentido, mas não em outro. Enfim, todos deverão progredir moral e intelectualmente, e isso se equilibrará com o tempo.

- Porque são materialistas tantos homens de ciência?

Porque julgam saber tudo e não admitem que coisa alguma seja superior ao seu entendimento. A própria Ciência os torna presunçosos e julgam que nada lhes é oculto na Natureza; esquecem que os homens da Ciência ridicularizaram em outro tempo a Colon, a Newton, a Franklin, a Janner e que, no presente século, também repeliram o Hipnotismo. Se eles têm feito coisas análogas em todas as épocas, que motivo há para estranhar neguem hoje a existência de Deus e a da alma, que pertencem exclusivamente ao domínio da Metafísica.

- Que é misericórdia?

A misericórdia é a virtude que consiste na compaixão e na piedade pelos sofrimentos alheios, e que resulta do esquecimento e do perdão das ofensas. O esquecimento e o perdão das ofensas são qualidades das almas elevadas, que estão fora do alcance do mal. Com que direito solicitaremos o perdão das nossas faltas se não tivermos antes perdoado as dos outros?

- Que é caridade?

A caridade é a virtude por excelência, que deve conduzir todos os povos à felicidade.

- Que é virtude?

A virtude, em sua mais elevada acepção, é o conjunto de todas as qualidades essenciais do homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio e modesto são as qualidades do homem virtuoso.

- Que é paciência?

A paciência é a resignação e a submissão a todos os nossos sofrimentos, tanto físicos como morais, pois o a que chamamos mal, quase sempre reverte em nosso benefício.

- Que é probidade?

A probidade faz parte da justiça. O homem probo deve ser reto, honrado, bondoso, e ter pureza e integridade da alma em todos os seus atos; amará a justiça e a equidade, e jamais se apropriará dos bens de outrem.

- Que é a indulgência?

A indulgência é um sentimento doce e fraternal que faz esquecer as faltas e os defeitos do nosso próximo. A indulgência é muito conciliadora e boa conselheira.

- Que devemos pensar do perdão?

Quando perdoarmos ao nosso próximo. Não devemos contentar-nos em correr o véu do esquecimento sobre as suas faltas, mas também procurarmos fazer tudo quanto pudermos em seu benefício.

- Quais os principais males do homem?

A cólera, o orgulho, o egoísmo, a avareza e a inveja são os mais fatais e piores que o frio, a fome e a sede. A cólera arrasta o homem à desobediência, compromete a sua saúde, e, às vezes, a vida. O egoísmo é o maior obstáculo à felicidade dos povos, pois dele se originam todas as misérias, e é a negação da caridade. A avareza exclui o exercício de um grande número de virtudes, porque prende a alma aos bens terrestres. A inveja produz o pesar e o desgosto

pela felicidade alheia, e é um sentimento vil e indigno. O orgulho é a causa das grandes ambições e das dissidências entre os povos.

- Que devemos julgar do uso do fumo?

O uso do fumo é mau, porque estraga a saúde que nos compete conservar para podermos cumprir nossa missão.

- E da bebida?

E útil quando se toma a estritamente necessária à manutenção das forças do organismo, mas, desde que é tomada em excesso, torna-se um vício repugnante que deve ser corrigido quanto antes.

- E do jogo?

O jogo é uma paixão funesta que pode arrastar o homem ao suicídio e fazer que ele se converta num dos seres mais egoístas da Terra. O jogador é um parasita social que esquece todos os sentimentos nobres, e, às vezes, a sua sede insaciável de ouro leva-o a ponto de sacrificar a família, ou mesmo os semelhantes, à sua paixão.



III

A alma

Quantos princípios há no homem? Três, a saber.

1.º - *O corpo, análogo ao dos animais e animado por um mesmo princípio vital;*

2.º - *A alma, ser imortal ou Espírito encarnado no corpo;*

3.º - *O perispírito, laço intermediário que liga a alma ao corpo, espécie de invólucro semimaterial.*

- Que é a alma?

Um Espírito que encarnou.

- As almas e os Espíritos são coisa?

Sim, pois antes de se unir à alma era um dos seres inteligentes que povoam a mundo invisível.

- Qual a natureza íntima da alma?

Isso é ainda incompreensível para o homem da Terra.

- Que vem a ser a alma após a morte?

Torna-se Espírito.

- A alma conserva a sua individualidade depois da morte?

Sim, não a perde nunca.

- Como é que a alma manifesta a sua individualidade no mundo dos Espíritos?

Por meio do seu perispírito, corpo fluídico que lhe é próprio, e que se modifica de acordo com o seu progresso.

- Que leva a alma consigo deste mundo?

A recordação do bem ou do mal que praticou.

- Que sente a alma no momento da morte?

Conforme tiver sido a sua vida, assim ela experimenta uma sensação agradável ou desagradável. Quanto mais pura ela for, tanto melhor compreende a futilidade dos gozos que deixou na Terra.

- Que sensação tem a alma quando se reconhece no mundo dos Espíritos?

Conforme: se ela praticou o mal, sente-se envergonhada de o ter feito; se praticou o bem, sente-se aliviada, acha-se tranqüila e feliz.

- E dolorosa a separação entre a alma e o corpo?

Não; a alma apenas sente uma perturbação e esta desaparece pouco a pouco.

- Todas as almas experimentam essa perturbação com a mesma duração e intensidade?

Isso depende do adiantamento delas. A alma que está, purificada se reconhece quase imediatamente, ao passo que as outras conservam, às vezes por muito tempo, a impressão da matéria.

- O conhecimento do Espiritismo influi de algum modo sobre a duração mais ou menos longa da perturbação?

SIM E MUITO, pois o espírita compreende com antecedência a sua situação, mas isso não o exime do sofrimento que ele possa merecer. A PRÁTICA DO BEM E A CONSCIÊNCIA SÃ influem mais que qualquer conhecimento sobre o estado espiritual.

Os pais limitam-se a dar aos seus filhos um corpo animal, ou também lhes transmitem uma parte da sua alma?

Somente lhes dão o corpo, pois a alma é indivisível, e a prova disso está em que um homem boçal pode ter filhos de talento e vice-versa.

Os animais têm alma?

Sem dúvida, pois alguns têm inteligência, sensibilidade e vontade, embora essas faculdades estejam limitadas à sua condição de ser irracional.



IV

Os espíritos

- Que é o Espírito?

O princípio inteligente do Universo.

- Que definição se pode dar dos Espíritos?

Pode dizer-se que são os seres inteligentes da Criação, e que povoam o Universo, fora do mundo material.

- Os Espíritos ocupam uma região determinada e circunscrita no Espaço?

Eles estão em toda a parte. Entretanto, nem todos podem ir aonde querem, pois há regiões que estão vedadas aos menos adiantados.

- Empregam os Espíritos algum tempo em percorrer o Espaço?

Sim, porém isso é rápido como o pensamento, pois à vontade dum Espírito exerce mais poder sobre seu corpo fluídico ou perispírito que, enquanto encarnado, podia exercer sobre um corpo grosseiro e denso.

- A matéria serve de obstáculo aos Espíritos?

Não, pois tudo é penetrado por eles: o ar, a terra, a água e até mesmo o fogo, assim como o cristal é penetrável aos raios solares.

- Os Espíritos superiores vêm aos mundos inferiores?

Descem a eles a todo o momento, a fim de os ajudar a progredir intelectual e moralmente. Há um exemplo disso em Jesus.

- Os Espíritos experimentam as mesmas necessidades e sofrimentos físicos que nós?

Conhecem-nos porque passaram por eles, mas não os sentem do mesmo modo que nós visto carecerem de corpo material.

- Os Espíritos sentem cansaço?

Não, pois carecem de órgãos cujas forças precisem ser reparadas.

- Há algum número determinado de graus perfeição entre os Espíritos?

E ilimitado, pois o progresso é infinito.

- Qual o caráter dos Espíritos imperfeitos?

Predomínio da matéria sobre o Espírito, propensão ao mal, ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que daí se derivam. Têm intuição de Deus, mas não compreendem quais possam ser os seus atributos, ou então o orgulho faz que o neguem.

- Qual o caráter dos Espíritos elevados?

Nenhuma influência da matéria; superioridade intelectual e moral. Já não têm provas e privações a sofrer, mas devem ainda progredir intelectual e moralmente.

- Há Espíritos que foram criados bons e outros maus?

Todos os Espíritos foram criados simples e ignorantes.

- Não existe, pois o demônio, no sentido que se liga a esta palavra?

Não; porque, se existisse, seria obra de Deus e, assim, Deus não teria procedido com justiça e bondade criando seres consagrados eternamente ao mal. Todos os Espíritos têm forçosamente de atingir a perfeição; eis a lei do Criador.

- Os Espíritos podem degenerar?

Não; eles podem permanecer estacionários, mas nunca retrocedem.

- Não poderia Deus evitar aos Espíritos as provas e os sofrimentos?

Sem luta, onde estaria o mérito? A verdadeira felicidade é originada das lutas e dos sofrimentos, e sem isso ela não poderia ser obtida.

- Todos os Espíritos passam pelo mal antes de atingirem a perfeição?

Pelo mal, não, mas sim pela imperfeição e pela ignorância.

Porque uns seguem o caminho do bem, outros seguem o do mal?

Por causa do livre arbítrio. Sem liberdade não há responsabilidade das faltas, ou mérito nas boas ações.

- De que modo se instruem os Espíritos?

Estudando o seu passado e inquirindo os meios de se elevarem no progresso infinito.

- Os Espíritos conservam algumas das paixões que tinham na Terra?

Os Espíritos adiantados, ao deixarem o invólucro material, conservam as boas paixões e esquecem as más. Os Espíritos inferiores conservam às vezes as más paixões que tinham na Terra.

- Os Espíritos necessitam de luz para ver?

Os que não estão envoltos em trevas, por causa de mau procedimento, não precisam de luz exterior para ver, pois têm em si a sua própria luz.

- As faculdades de ouvir em todo o ser espiritual?

Todas as percepções são atributos do Espírito e fazem parte do seu ser.

- O poder e a consideração de que o homem goza, na Terra, lhe dão superioridade no mundo dos Espíritos?

No mundo dos Espíritos só se reconhece à superioridade moral e intelectual.

- Qual a natureza das relações entre os Espíritos bons e os maus?

Os bons procuram combater as más inclinações dos maus, a fim de os ajudar a progredir. Os maus, pelo contrário, procuram induzir ao mal os que ainda são inocentes.

- Os Espíritos que não são simpáticos podem chegara sê-lo?

Todos o serão à medida que aperfeiçoarem.

- O Espírito recorda-se das suas passadas existências?

Sim, se ele o deseja; do mesmo modo que um viajante procura recordar-se das peripécias de viagens já efetuadas.

- O invólucro material é um obstáculo à livre manifestação das faculdades do Espírito?

Sim, do mesmo modo que um vidro opaco se opõe à livre passagem da luz.

- Depois da morte, os Espíritos conservam o amor da pátria?

Para os Espíritos elevados à pátria é o Universo.

- Os Espíritos são sensíveis à recordação daqueles a quem amaram na Terra?

Muito, e essa recordação aumenta sua felicidade, se já são felizes; ou lhes serve de alívio, se são desgraçados.

- Serão eles sensíveis às honras que se fazem aos seus despojos mortais?

Em geral não, porque compreendem a futilidade de todas essas coisas, mas há alguns que conservam em parte as preocupações materiais.

- O Espírito que se considera bastante feliz pode prolongar indefinidamente esse estado?

Indefinidamente não, pois o progresso é uma necessidade que cedo ou tarde é sentida pelo Espírito. Todos devem progredir, eis o destino.

- Os Espíritos participam de nossas desgraças e se afligem com os males que nos atingem?

Os Espíritos bons participam de nossas alegrias e se afligem quando não suportamos com resignação o a que chamamos males, pois vêem que assim não tiraremos resultado, qual acontece ao enfermo que recusa o remédio que o deve curar.

- Quais dos nossos males afligem mais os Espíritos bons; serão os físicos ou os morais?

Os morais. Eles se afligem pelo nosso egoísmo e dureza de coração, e é daí que se origina todo o mal.

- Que se deve entender por anjo de guarda?

Um Espírito de ordem elevada que nos assiste, durante nossa permanência na Terra, e que nos aconselha por intermédio da nossa consciência.

- Os Espíritos podem aliviar alguém e atrair a prosperidade?

As leis divinas são imutáveis e todos têm de se submeter a elas; mas, não obstante, os Espíritos podem ajudar-nos a ter paciência e resignação para suportarmos os males que nos devem conduzir ao bem.

- Os Espíritos têm alguma outra ocupação a não ser a de se melhorarem individualmente?

Sim, pois a vida espírita é uma ocupação constante e nada tem de penosa para os bons Espíritos.

- Em que consiste a felicidade dos Espíritos bons?

Em não ter ódios, inveja, ambição ou qualquer das paixões que fazem desgraçados os homens. O amor que os une é para eles origem de suprema felicidade, e são felizes pelo bem que praticam.

- Em que consistem os sofrimentos dos Espíritos inferiores?

Em invejarem tudo o que lhes falta para serem felizes, e não quererem trabalhar para consegui-lo. Consiste também no ódio, no desespero e na ansiedade a que o seu estado dá origem.

- Quais os maiores sofrimentos que os Espíritos podem experimentar?

Não se podem descrever todos os sofrimentos morais correlativos a certos crimes; entretanto, o maior castigo que eles podem sofrer é A CRENÇA DE ESTAREM ETERNAMENTE CONDENADOS.

- Onde procede, a eterno doutrina do fogo?

Imagem, como muitas outras, tomada pela realidade, e que já não atemoriza ninguém.

- Os Espíritos inferiores compreendem a felicidade do justo?

Sim, e isso é que faz o seu suplicio.

- Pode ser eterna a duração dos sofrimentos?

Não, porque Deus não criou seres consagrados eternamente ao mal. Tarde ou cedo se desperta neles a irresistível necessidade de saírem do seu estado de inferioridade e serem felizes.

- O Espírito separado do corpo pode comunicar-se conosco?

Sim, pode e fá-lo muitas vezes.

- Por que meio o faz?

Servindo-se dos médiuns.

- Que vem a ser um médium?

E' uma pessoa apta a receber as comunicações dos Espíritos, seja pela escrita, pela audição, pela vidência ou por qualquer outro meio.

- Todos podem ser médiuns?

Sim; em geral, todos podem sê-lo, exercitando-se pacientemente durante um tempo mais ou menos longo.

- A mediunidade é útil àquele que a Possui?

Sim; não somente a ele, mas a todos em quem os ensinamentos dos Espíritos podem inspirar pensamentos salutareis, sentimentos louváveis.

- Todos os Espíritos se podem comunicar?

Sim, quando Deus o permite.

- Porque dá Deus essa permissão aos Espíritos maus?

Para servirem de ensino aos homens, mostrando-lhes a que triste estado os maus se acham reduzidos no outro mundo; e para que, por nossas instruções e nossas preces, eles adquiram bons sentimentos e se regenerem.

- Como reconhecemos que um Espírito é bom?

Por suas comunicações, que não podem deixar de ser morais; por sua linguagem, que nunca será frívola e lisonjeira, seja para si próprio, seja para aqueles a quem se dirige.

- Como devemos tratar os Espíritos maus, atrasados e imperfeitos?

Devemos moralizá-los, instruí-los e orar por eles.

- Quais são as principais mediunidades?

São: a tiptológica, a sematológica, a psicográfica, a auditiva, a vidente, a sonambúlica, a intuitiva e a de materializações.

- Explicai esses termos?

O médium tiptólogo recebe as comunicações dos Espíritos por pancadas, mais ou menos fortes, nos objetos materiais que o cercam; o sematólogo, por sinais com antecedência combinados, como o movimento de móveis em sentido determinado; o psicógrafo, por escrito; o auditivo, ouvindo-lhes a voz; o vidente, vendo seus perispírito, que então tomam a forma que tiveram na vida terrena; o sonâmbulo, emprestando-lhes o seu corpo, do qual o Espírito de apossa momentaneamente, servindo dele como se fosse o seu próprio; e o de materializações fornecendo seus fluidos animalizados para que, combinando-os com os que se encontram no espaço, o Espírito apresente uma forma visível e tangível para todos.

- Quais são os melhores médiuns?

Os que recebem as melhores comunicações.

- Qual deve ser a conduta dos médiuns?

Nunca devem esquecer que a sua faculdade lhes pode ser retirada, e nunca abusar dela, seja para a satisfação de uma curiosidade vã ou para outro qualquer fim sem utilidade para a instrução e o progresso de todos.

- A mediunidade será uma novidade?

Não; ela foi praticada em todos os tempos; porém, em conseqüência do abuso que disso faziam, Moisés proibiu a sua prática aos Israelitas.

- Citai algumas provas da antiguidade dos médiuns?
Sócrates era inspirado por um Espírito familiar, Saul evocou o Espírito de Samuel.

- Há vantagem em praticar o Espiritismo?
Sim; contanto que se não abuse.

- Como se deve praticá-lo?
Desenvolvendo suas mediunidades, assistindo regularmente às sessões de evocações, moralizando os Espíritos inferiores ou ajudando aos sofredores, e, finalmente, seguindo os conselhos dos Espíritos guias.

- Como se pode abusar do Espiritismo?
*1.º, fazendo evocações para divertir-se;
2.º, recebendo comunicações pueris;
3.º, evocando Espíritos para receber pagamentos dos que desejam ouvi-los.*

- Há perigo para alguém em receber comunicações estando só?
Sim; perigo real. Os médiuns que as recebem, nessas condições, ficam quase sempre obsidiados no fim de pouco tempo.

- Pode-se assistir a reuniões espíritas com toda classe de gente?
Não; somente com pessoas se reúnam para o bem.

- Deve-se procurar ser médium?
Sim; para ser-se útil aos homens, aos Espíritos e a si próprio.

- E' permitido ao médium recusar seus serviços?
A mediunidade é um dom de Deus e o médium não deve recusar seu concurso a uma obra útil.

- Que condições devem uma boa sessão de evocação?

O recolhimento, a prece, a paz de consciência e o desejo de fazer o bem.

- Os Espíritos podem ter influência sobre nós, quando nos achamos fora das reuniões espíritas?

Sim; e essa influência, por nem sempre desconfiarmos dela, não deixa de ser real e muito importante.

- Todos estão sujeitos a essa influência?

Sim; mesmo os que não conhecem o Espiritismo.

- Como se exerce ela?

Os Espíritos obram sobre o nosso pensamento, sem que nós nos apercebamos disso; eles atuam, muitas vezes, materialmente sobre nós, pelo emprego do fluido, como faz o magnetizador.

- Essa influência é sempre boa?

Depende do sentimento do Espírito: se ele é bom, sua influência é salutar; se é mau, a influência é perniciosa. Convém, pois chamar a si os bons Espíritos e afastar os maus.

- Como Deus, que é bom, permite que os maus Espíritos nos venham induzir ao mal ou fazer-nos sofrer?

Para nos experimentar. Porque permite que o homem mau aconselhe os outros a praticarem um crime? O caso é idêntico. Além disso, os Espíritos maus não podem fazer o mal que desejam, sobretudo se a nós chamamos os bons.

- Estarão os bons Espíritos sempre dispostos a proteger-nos?

Sim; se os chamarmos. Deus deu a cada um de nós um protetor, guia, ou anjo de guarda.

- Basta a oração para afastar os Espíritos perversos?
Certamente não; é preciso fazer-se sempre o bem.

- Que é uma obsessão?

A união de um Espírito mau a uma pessoa, com o fim de atormentá-la e fazê-la praticar atos ridículos ou maus. Nessas condições, tal pessoa fica como se fosse atacada de demência.

- Os médiuns estão muito expostos à obsessão?

Sim, quando trabalham isoladamente e quando, sem exame sério, aceitam tudo o que os Espíritos dizem.

- Como podemos fazer cessar a obsessão?

1.º, pela prece;

2.º, pela moralização dos Espíritos maus;

3.º, pelo abandono de todas: as mediunidades que se possua.



V

Reencarnação

- Como denominais o fato de poder um Espírito habitar sucessivamente muitos corpos?

Reencarnação.

- Porque devemos crer na reencarnação?

Porque só ela explica materiais, intelectuais e morais entre as diferenças que se notam entre homens.

- Quais são as diferenças materiais?

As de fortuna, saúde, conformação física e outras.

- Quais são as diferenças intelectuais?

As que resultam do grau de inteligência cada um.

- Quais são as diferenças morais?

As que se originam dos diferentes graus de virtude e de vício de cada um.

- A reencarnação será um fato provado?

Sim, pelas aptidões inatas dos homens e pelas revelações dos Espíritos.

- Será nova essa crença?

Não; mesmo dos mais remotos tempos, os maiores homens a professaram.

- Jesus professou-a?

Sim, a Bíblia o atesta em muitos pontos.

- O Espírito se encarnará sempre em condições mais felizes que as que deixou?

E o que acontece o mais das vezes, porém o contrário também se pode dar.

- Qual a razão disso?

E' que, quando o Espírito conhece as causas que produziram a situação em que se acha, e o que deve fazer para dela sair, pede a encarnação em que melhor possa expiar e reparar suas faltas.

- Donde provêm as diferenças que notamos entre os Espíritos encarnados?

De suas vidas anteriores.

- Como se explica o fato, tantas vezes observado, da manifestação de grandes talentos em crianças?

Pelas aptidões inatas.

- Que entendeis por aptidões inatas?

A recordação vaga das encarnações precedentes. Mozart compondo música, com a idade de sete anos é uma prova disso.

- Cital outros exemplos?

Há muitos: dentre eles citaremos o de Pascal, matemático aos doze anos; o de Mondeux, que com sete anos de idade não encontrava problema que o embaraçasse; o de Fritz-Van-de-Kerckove, que aos dez anos era pintor; o de Jaques Inaudi, hábil calculador aos oito anos, etc.

- Podemos atribuir também a essa causa a precocidade de certos criminosos?

Certamente; o criminoso é um Espírito imperfeito que se desviou do bom caminho.

- Os selvagens são seres como nós?

Sim; são Espíritos que têm progredido poucos.

- Qual a necessidade de renascermos muitas vezes?

A do nosso aperfeiçoamento, a fim de nos tornarmos dignos da felicidade que Deus nos reserva.

- Onde reencarnam os Espíritos?

Na Terra e noutros mundos a que chamamos planetas e estrelas.



VI

Astronomia

- Que é a Terra em que habitamos?

E um dos planetas que giram ao redor do Sol.

- A Terra foi sempre habitada?

Não, antes da sua formação, era uma espécie de massa ígnea que se foi esfriando pouco a pouco. As plantas apareceram primeiras, depois os animais, e por fim o homem.

- O nosso Sol ilumina somente a Terra que habitamos?

Não, ele também alumia outros planetas, tais como Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, etc.

- Como pode a Terra ser comparada a esses planetas?

Urano é 74 vezes maior que a Terra, Netuno mais 100 vezes, Saturno 864 e Júpiter 1.300. Portanto, a Terra é um dos menores planetas do sistema solar.

- Que é a Lua?

E' um satélite da Terra.

- Todos os planetas têm luas?

Nem todos; porém, Urano tem quatro luas ou satélites; Saturno oito, além de dois imensos anéis que o circundam; e Júpiter, quatro. Esse mundo colossal, Júpiter, não está, como a Terra, sujeito às vicissitudes das estações nem às bruscas alternativas da temperatura: "é favorecido com uma primavera constante".

- Que são as estrelas?

São sóis alguns deles, não obstante serem milhões de vezes maiores que o nosso, parecem pequenos, é porque estão a imensas distâncias do nosso mundo.

- Esses nosso sóis iluminam terras como o nosso?

Indubitavelmente, pois todos eles devem ser centros de sistemas de outros mundos a que dão luz e calor.

- Para que foram criados esses mundos?

Deus nada criou de inútil. Esses mundos são habitados por seres, que, como nós, também estão progredindo, num sentido ou noutro.

- O espaço é infinito?

Sem dúvida. Se lhe supuserdes um limite, que haverá além dele.

- Existe o vácuo absoluto?

Não; o próprio espaço é ocupado por um elemento que a Ciência denomina éter.

- Que é o Universo?

O Universo compreende a infinidade dos mundos que o povoam no espaço infinito, todos os seres animados e inanimados, todos os astros, todos os fluidos e todos os seres espirituais.

- Como se formam os mundos?

Pela condensação da matéria disseminada no espaço, ou matéria cósmica.

- Os mundos também desaparecem?

Com o tempo, tudo se transforma no Universo, a fim de se cumprir à lei do progresso.

- A constituição física dos mundos é a mesma em todos eles?

Não, pois eles às vezes diferem em tudo, e do mesmo modo sucede com os seres que os habitam. A harmonia geral, em vez de se enfraquecer pela variedade das formas, fortalece-se pela diversidade dos meios.

- Que se deve entender pelas palavras de Jesus: “Em casa de meu Pai há muitas moradas?”

Que a casa de Deus é o Universo, e que as diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito.

- Como se classificam os mundos?

A escala dos mundos é infinita; entretanto, todos eles podem ser classificados do seguinte modo.

Mundos primitivos, onde a alma faz as suas primeiras encarnações.

Mundos de expiação e de provas, onde, como na Terra, dominam o mal e os sofrimentos físicos e morais.

Mundos de regeneração, onde as almas adquirem novas forças e descansam das fadigas da luta.

Mundos felizes, onde predomina o bem sobre o mal.

Mundos celestes e divinos, onde impera somente o bem e não se conhecem os sofrimentos físicos nem os morais.



VII

APÊNDICE

Considerando a prece

(Diálogo)

P. - Que é prece?

R. - *Um ato de fé e humildade, da criatura para com o Criador.*

P. - Haverá fórmulas determinadas para esse ato?

R. - *Não. Todas as fórmulas são plausíveis, pois o que vale é a intenção.*

P. - E se a intenção não aparente, ou convencional?

R. - *Deixa de haver prece.*

P. - Não basta, então, querer e pedir?

R. - *E preciso antes compreender e sentir o que se pede.*

P. - Mas, como explicar o efeito positivo de certas preces, em alguns casos?

R. - *Pela fé, como pelo merecimento dos postulantes, de vez que nada ocorre por acaso, à revelia da Lei.*

P. - Que lei?

R. - *A lei divina, que está inscrita na consciência de toda criatura na pensante, e que definimos por Amor e Justiça.*

P. - Mas, se nem todos podem amar nem saber para bem julgar?

R. - *O amor, que é a virtude das virtudes, por excelência, foi dado em germe a todas as criaturas, a fim de se integrarem nos desígnios de Deus. O que chamamos - o mal - não informa, antes confirma a existência do amor, que é o bem.*

P. - Que dizer então?

R. - *Que, quem ama o mal, ama alguma coisa e apenas não sabe, ou não pode, de outra forma, utilizar a faculdade latente e incoercível.*

P. - E como explicar essa disparidade de aptidões nas criaturas de Deus?

R. - *Pela diversidade de graus na escala da evolução dos Espíritos.*

P. - Mas, sendo eles, os Espíritos, criados em pé de igualdade absoluta, como admitir a diversidade de graus?

R. - *Primeiro, porque Deus não cessa jamais de criar, e segundo porque, no exercício do seu livre arbítrio, pode a criatura, em gamas infinitas, não evoluir, alterar e retardar o ritmo de sua própria evolução.*

P. - E poderíamos conceber que Deus não pudesse melhor obra, criando-nos perfeitos, antes que perfectíveis?

R. - *A razão humana é limitada. Querer penetrar os desígnios de Deus, fora loucura.*

Não sabemos o essencial de coisa alguma, não nos conhecemos a nós mesmos. Entretanto, vivemos, e os postulados da consciência nos advertem de que não há efeito sem causa.

P. - E daí?

R. - *Razão maior para aceitarmos a vida como se nos ela apresenta. Para efeitos inteligentes, causa inteligente.*

P. - Mas os cépticos, os negadores de todos os tempos, criaturas inteligentes, sábias, racionalistas, também...

R. - Em substância, nada de positivo e concreto demonstraram, a não ser que o negativismo é ainda uma prova da realidade de Deus, visto que ninguém concebe a negação do inexistente. De nada, nada.

P- E a Revelação Espírita nos dará da Entidade Divina uma prova positiva, integral, absoluta?

R. - Indiretamente, sim

P - Porquê?

R. - Porque demonstra sobrevivência integral do ser eternidade.

P. - Mas ... Deus?

R. - Em imanência de causa, é claro que melhor se entremostra na dilatação dos efeitos. E pela maior compreensão do Universo que melhor sentimos a existência de Deus e a necessidade da prece.

P. - Mas dir-se-á que Deus tenha necessidade das nossas preces?

R. - Absolutamente. Nós é que temos necessidade de orar a Deus, e por isso dissemos que a prece antes deve ser sentida que articulada.

P. - Então, as crianças? Como podem elas orar?

R. - As crianças devemos ensinar a oração compatível com o desenvolvimento do seu raciocínio, tendo em vista, sempre, as fórmulas simplificadas e capazes de lhes suscitar confiança, antes que temor de castigos, ou esperanças vãs de prêmios fantasistas e ilusórios.

P. - Serviria, então, o "Pai Nosso"?

R. - A oração dita dominical, a única que Jesus autorizou formalmente, é, na sua consubstancial singeleza, a mais profunda das orações. Podendo ser aproveitada em função exemplificadora,

ela, como quaisquer outras orações, formuladas ou improvisadas, precisa ser compreendida e sentida. Repita-se: a prece não é um ato formal, nem verbal, mas essencialmente emocional. Um pensamento, um olhar, uma lágrima e até um sorriso, podem melhor traduzi-la que um milhão de palavras.

P. - Então, as missas litúrgicas?

R. - *Eu disse que tudo vale pela intenção. Toda prece sincera, todo pensamento de amor, aproveita a quem dá e a quem recebe.*

Por isso, os Espíritos elevados nos disseram que a prece emocional aproveita sempre.

P. - Mas, se Jesus disse que o Pai sabe o de que necessitamos, não se justificaria deixássemos correr nosso destino à mercê da Lei inelutável?

R. - *O homem é orgulhoso e mal conhece a Lei. Ignorante do passado, ignorante do futuro, uma vez na Terra, sobrecarregado de faltas, esquecido de sua origem, tudo pede ao mundo e no mundo, para concluir estouvadamente que só não cabe pedir ao Senhor do mundo! Entretanto, por justificar a hipótese, necessária lhe fora reconsiderar o mundo das causas, onde engendrou a necessidade de recorrer às fontes da divina misericórdia.*

P. - E como conciliar a misericórdia com a justiça de Deus, se a Lei é absolutamente íntegra?

R. - *A misericórdia não é fragmentação, diminuição, nem alteração de Lei; é antes um elemento de exação, no sentido de revigoração das energias morais ou físicas do recorrente, por bem cumprir a sentença que se impôs na carne e pela carne.*

P. - E com relação aos desencarnados?

R. - *E a mesma coisa, porque no plano astral se refletem os atos do encarnado, que pode sofrer tanto ou mais do que na Terra.*

P. - Mais do que na Terra?

R. - *Sem dúvida, visto que, mais tênue e delicado o seu invólucro, mais vivas se lhe tornam as idéias e as sensações.*

P. - Mas, os Espíritos superiores também terão necessidade de orar?

R. - *Todos o fazem, ainda os da mais alta hierarquia, como Jesus.*

P. - Que necessidade podem impelir à prece um Espírito como Jesus?

R. - *O conhecimento da obra de Deus, atento a que a Ciência Universal é indefinida e imanente qual o próprio Deus...*

P. - Acredita que mal posso compreendê-lo?

R. - *Sim. Concordo em que não é fácil ultrapassar a barreira das nossas concepções limitadas. O conhecimento do inefável é antes fruto de intuição que de observação, e toda intuição é uma iluminação.*

P. - A ciência da Terra nada produz então?

R. - *Não há, propriamente, uma ciência da Terra, porque tudo é de Deus e vem de Deus. A ciência humana aproveita ao homem e desenvolve o Espírito para atividades mais amplas no plano espiritual.*

A ciência da Terra é também modalidade integrante do plano divino, facultando ao encarnado cooperar direta e ativamente na. Evolução cósmica do planeta.

P. - Neste caso, e o materialismo científico?

R. - *E uma expressão balda de sentido na acepção espiritista.*

P. - Porquê?

R. - *Porque o crente espiritista sabe que atrás de todo fenómeno aparente está a realidade de um fator inteligente. E o Espírito que vivifica a matéria.*

P. - Voltando à prece: acha-a, então, indispensável?

R. - *Tanto como o ar atmosférico à vida orgânica, porque ela é bem o alimento da alma.*

P. - Mas há criaturas que não oram, que nunca balbuciaram uma prece...

R. - *E um engano. Esses fazem-na para dentro de si, consigo mesmos, no anseio de suas almas, na tortura dos seus remorsos. São caldeiras abafadas pelas escórias do orgulho, cuja explosão cedo ou tarde se dará.*

P. - E que dizer das preces coletivas, das que aí se fazem, por exemplo, nos centros espíritas?

R. - *Diremos que não podem aberrar da regra geral, isto é, que precisam ser antes sentidas que faladas, natural e simplesmente, sem outra preocupação que traduzir o fim colimado.*

P. - Mas, admitido que Deus e os Espíritos superiores lêem os nossos pensamentos, sendo o pensamento, mesmo, a sua linguagem, não se poderia justificar a prece muda, ou mental?

R. - *Conforme...*

P. - Conforme?

R. - *A linguagem articulada, como veículo de pensamentos e traduzindo emoções, pode conceituar-se, no caso em apreço, como a batuta do regente de orquestra, focalizando e estimulando a harmonia do conjunto. Torna-se, assim, um elemento sintônico de grande alcance, senão indispensável, ao menos de efeitos práticos.*

P. - Práticos, diz?

R. - *Sim, porque não há desconhecer a acalma dos ambientes, a pacificação interior que as preces acarretam; e sim porque podemos, ainda, conjeturar a existência de seres desencarnados e assaz materializados para não poderem utilizar-se e beneficiar-se de um intercâmbio exclusivamente mental.*

P. - Deveremos, então, condenar as rezas, responsórios, ladainhas e o mais que por aí se pratica com foros de boa religiosidade?

R. - *Condenar não é o termo. O espírita cristão nada e a ninguém condena. Ele sabe que o ignorante de hoje será o sábio de amanhã. O seu Cristo não é já o que permanece morto na cruz, há 20 séculos, mas o que ressuscitou no seu coração e aí vive em abundância de graças eternas. Esse Cristo disse - não julgueis para não serdes julgados (1) e o que importa ao cristão em Cristo é justificar pelo exemplo, e não malsinar nem condenar. Ninguém responde senão por faltas em consciência cometidas. Onde começa a ignorância, aí termina a responsabilidade. Ensinar o ignorante é obra de misericórdia, mas não vamos, com e no afã de praticar a obra, desconhecer aquele relativismo que nos coloca distante do Mestre quanto de nós possamos imaginar distantes os seres ínfimos da Criação. Saibamos, enfim, por nossos atos, fazer de Jesus o árbitro de nossas preces.*

(1) - Sempre consideramos o julgamento uma função indeclinável do Espírito. A vida é um julgamento constante. Julgar é comparar, é discernir, é optar, é aprender, é progredir. Julgar para condenar é o que nos parece encrespar o preceito evangélico.